

EMOÇÕES E EVOLUÇÃO NA CIÊNCIA MÉDICA

Geraldez Tomaz

Acadêmico Titular da APMED - Cadeira nº 38

Há muito ouvimos a nossa ciência hipocrática, que lutamos para ser a mais enobrecedora das áreas do conhecimento humano e de repente, nos últimos anos, com o aparecimento de número indescritível de novas escolas médicas, ultrapassamos os países mais abastados e opulentos do mundo, como a maior potência do universo: os EUA. Não em escolas para o aprendizado, mas para sermos o “o pole position” em quantificação do número.

Entretanto, apesar das instituições médicas brasileiras, como o CFM (Conselho Federal de Medicina), a Associação Médica Brasileira (AMB), atualmente presidida pelo professor Dr. César Eduardo Fernandes, um pouco constrangido após ocupar o parlamento nacional, ele disse-me: que esperava no contexto dos sectários deste poder que deveriam obedecer à Constituição Federal e estava este acadêmico desvalioso e nunca com ufanismo, para colocar a nossa medicina, com o carinho, desvelo e dedicação aos nossos semelhantes, desde que fizemos o juramento desta ciência singular, no sentido amplo de pugnar pela cura, mitigar sofrimentos e jamais pensar no predomínio ou no interesse mercantil. Já saindo desta cenologia, fiquei pensativo como colega e amigo do eminente mestre, professor e dr. Edmund Chada Baracat e da professora dra. Rossana pulcinelli, dois guardiões e protótipos da luta incontestada pela defesa dos vulneráveis, que são por nós conhecedores de suas fraquezas, debilidades e desânimos.

Mas, conversando pós-encontro científico, chego a inferir que estes desastres sociais serão vencidos, pois a união fará uma catálise e uma aceleração para remover este lastro negativo existente entre os que não têm o necessário à vida, como disse o economista, filósofo e cientista político nascido na cidade de Iona Station – Canadá – e faleceu na cidade de Cambridge - Massachusetts – Eua, aos 95 anos de idade, e citado pela professora de economia

da UFPB, com formação na universidade de Viçosa (MG) Zélia Almeida, em seu livro: “A Dor da Pobreza – uma dor de mundo”(UFPB,2019).

Entretanto, no título deste texto: Relato Emoções e Evolução na Ciência Médica, talvez pela emoção que fui atingido após a consecução à classe de professora titular da carreira do magistério superior da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), de conformidade com a resolução nº 021/2023 do CONSEPE (Conselho Superior - Pesquisa e Extensão) da professora Simone da Nóbrega Tomaz Moreira, docente daquela instituição de ensino superior.

Eu, como pai e professor do Departamento De Obstetrícia E Ginecologia da UFPB, antes chamado Materno-Infantil, acompanhei a lida de Simone da Nóbrega Tomaz Moreira, pois casou-se com um paraibano, engenheiro e professor, dr. Lúcio Flávio Moreira, com mestrado e doutorado na mesma universidade em que estudei –Universidade Complutense de Madrid (Espanha). Foi um casal que deu certo, segundo a atual docente Simone, sempre tiveram percalços, mas de mãos dadas, sob as bênçãos de Deus, alcançaram seus desideratos. Ela hoje sendo professora de ensino superior e atingindo o mais alto grau desta honrosa e necessária disciplina, pelo departamento de medicina clínica, sendo esta docente e biopsicóloga Simone da Nóbrega Tomaz Moreira, hoje **professora titular da disciplina de comunicação e relação interpessoal na prática médica**, disciplina esta que se tornou obrigatória na grade curricular da ciência médica da UFRN. E ainda pergunto, porque este singelo, solitário e sincero artigo, para uma revista onde luminares da medicina e de outras áreas escrevem seus desejos, suas vocações filosóficas, mas conciliáveis com outras disciplinas, imprescindíveis no mundo hodierno.

Ao defender seu memorial descritivo, mas de forma on-line, ela mostrou um sincretismo, que deve existir em hospitais universitários, onde caracterizou-se um amálgama de concepções, às vezes heterogêneas, mas que somos como professores na graduação e no *lato sensu e stricto sensu*, uma provisional ideia, que nos leva a suavizar problemas, sempre em benefício dos que nos procuram para alcançar o que a ciência hipocrática sempre desejou ao longo de tantos anos.

Não vou relatar que, como professor de obstetrícia e ginecologia da UFPB, conquistado com concurso realizado na casa ou no berço dos que queriam participar destas disciplinas, com suas vertentes e integrações maiores das universidades, onde os seus professores demonstravam

um espírito acadêmico no sentido amplo da palavra que a professora Simone da Nóbrega Tomaz Moreira, por certo, observava minha faina, em preparo de aulas e o que deveria exercer no hospital de ensino multidisciplinar. Nunca interferi na sua íntima vocação e trajetória discente e hoje a vejo docente na instituição de ensino superior (UFRN), que a esta frequentou, pós-estudo de Biologia e Psicologia. Fiquei perplexo, uma vez, quando mencionou que estava concluindo dois cursos de nível superior: Biologia e Psicologia, no mesmo ano de colação de grau. Houve então esta inquirição à professora Simone, porque havia concluído Biologia e então ela respondeu, sem demora, que eu, como professor e tendo estudado reprodução humana, poderia precisar de mim.

Na realidade, eu tive a felicidade de conhecer o professor Patrick Steptoe (i.m.), que foi o pioneiro no mundo da grande realização do 1º bebê de proveta, em Oldham – no Reino Unido. Nesta época, fiz minha especialização em reprodução humana, sob a égide de um luminar em ginecologia endócrina, esterilidade e infertilidade humana, onde seus compêndios se notabilizavam e este acadêmico recebia solicitações de seus variados volumes e obras que se encontravam esgotados nos EUA, com significado valor: “endocrinologia de la mujer”, endocrinologia obstétrica, *esterilidad y infertilidad humana* e tantos outros, cujo professor Dr. José Botella Llusíá era considerado e procurado por mestres destas especialidades, desde Barcelona, Zaragoza, Sevilla, Islas Canárias, tendo no país apenas o professor Bonilla Mussoles, que era hegemônico em Valência – Espanha. Já havia integração, com a neonatologia, hoje praticamente uma disciplina à parte e os setores que, embora tivesse a cátedra de anatomia patológica, no hospital clínico San Carlos, o grande e dinâmico mestre, tinha seu próprio serviço de patologia, onde ele com seu professor associado: Francisco Nogales Ortiz, um mestre e designado pelo prof. D. José Botella Llusíá, o chefe de citopatologia ginecológica na cátedra madrilenha.

Já no seu tratado de Esterilidad y Infertilidad humana, o prof. D. José Botella Llusíá já vislumbrava a integração entre especialidades, pois apresenta capítulo de causas psíquicas, neuroendócrinas e psicossomáticas da esterilidade conjugal, além das causas imunológicas, ocasionando estudo de fatores masculinos e suas ações imunitárias no trato genital feminino.

Observem, portanto, que a andrologia ou esterilidade masculina atingiu uma inter-relação de diagnóstico, estudo e tratamento do casal estéril ou infértil, o que sabemos que nós,

especialistas, temos que transpor este tabu, ainda existente, entre os varões e hoje já temos um percentual igual no casal que nos procura, a esposa tem dificuldade de gestar e as causas conseguidas na investigação, são 50^o para cada cônjuge, que vem às clínicas de reprodução humana. Portanto, verificamos a integração e comunicação interpessoal na faculdade de medicina, mostrando os fatores marcantes entre os programas interdisciplinares, sendo disciplina obrigatória para todos os discentes da carreira médica.

Foi uma conquista marcante propugnada e que muitas instituições de ensino superior têm que, de acordo ou aprovação nos organismos colegiados superiores (CONSEPE – CONSUNI), realizarem o escopo destas instituições: ensino – pesquisa e extensão. Parabenizo a professora titular pela UFRN e toda mesa diretora dos trabalhos ao aprovar o memorial, que manifestou encômios à professora e reconheceu a diretriz nacional na educação. Passo as palavras do presidente da banca examinadora para este artigo na revista da APMED (Academia Paraibana de Medicina), na pessoa do professor titular: Francisco Edilson Leite Pinto Júnior e referendado pelas professoras: Oscarina da Silva Ezequiel (Universidade Federal de Juiz De Fora – MG), professora Patrícia Vasconcelos Leitão Moreira – (UFPB) e a professora: Maria da Conceição Rodrigues Gonçalves – (UFPB).

No seu aprendizado, e tendo realizado, especialização, mestrado e doutorado, chegou à docência na escola de medicina, sendo inicialmente aprovada e em conjunto com a professora Karla Patrícia Cardoso Amorim, que foi louvada no concurso de bioética, juntas elaboraram um projeto de ensino eixo-humanístico para o curso de Medicina, com o perfil egresso e preconizado pelas diretrizes curriculares nacionais do curso em tela. Esta norma, emanada desde 2001, pelo Ministério da Educação e Cultura, determinou um enlevo: “o médico deve ter formação generalista, humanista, crítica, reflexiva e ética, com senso de responsabilidade social e compromisso com a cidadania, nas diversas estratificações ou camadas da sociedade, sendo assim um promotor da saúde integral do ser humano, que tem que ser visto com empatia e sensibilidade na área que atua”.

O pós-doutorado realizado pela professora Simone da Nóbrega Tomaz Moreira foi realizado na McGill University Emvmontreal no Canadá, sob a supervisão da professora Nancy Heath daquela notável instituição de ensino superior. Teve a docente incluída na pesquisa sobre “stress dos estudantes de medicina, com um enfoque sobre saúde mental”. Neste programa

conheceu a renomada prof.^a Tara Flanagan, que é a principal responsável pela inclusão dos alunos no ensino superior, tendo sido convidada para palestra no Brasil, onde compartilharam experiências e realizações entre as duas instituições de nível superior: Mc Gill University (Montreal – Canadá) e UFRN, o que deu mais motivação para a aceitação desta disciplina de comunicação e relação interpessoal na prática médica, sendo disciplina obrigatória na grade curricular do curso médico, na UFRN.

Com este texto, visualizo que nem tudo está perdido e provamos, quer seja nas escolas públicas, quer seja privadas, podemos melhorar o ensino com a Psicologia Social, com a Genética, com a Imunologia, interagindo e propugnando esta luta moral e física e evoluindo o sentido médico do que sempre procuramos realizar: a forma multidisciplinar, para o bem comum ou da sociabilidade de que tanto necessitamos.

Referências

- ALMEIDA, Zélia. **A dor da pobreza: uma dor de mundo**. Belo Horizonte: Ideia Editora, 2019.
- BOTELLA LLUSIÁ, José et al. **Esterilidad e infertilidad humanas**. Barcelona: Editorial Científico-Médica, 1971.
- TOMAZ, G.; CHAVES, Eulália Maria C.; MOREIRA, Simone da Nóbrega Tomaz. Aspectos psicológicos no tratamento da infertilidade. **Reprodução e Climatério**, v. 17, p. 77–80, 2002.
- TOMAZ, G.; MOREIRA, Simone Tomaz. **Femina: a psicologia do casal infértil**. [S.l.]: [s.n.], 2001.